



Entre a pena e o cinzel: histórias de um imperador romano escritas por Eusébio de Cesareia e esculpidas no Arco de Constantino

Jefferson Ramalho¹

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar informações convergentes e divergentes acerca de Constantino I, imperador romano do início do século IV de nossa era. Para isso, nossos objetos se delimitam entre trechos da escrita de Eusébio de Cesareia, mais conhecido biógrafo do referido imperador, em sua obra *Vida de Constantino*, e, alguns relevos com imagens e palavras que foram esculpidas no Arco de Constantino, construído possivelmente em 315, com o intuito de prestar-lhe homenagem no ensejo de seu triunfo sobre Maxêncio na chamada batalha da Ponte Mílvia, em 312. Através de um diálogo entre a História e a Arqueologia, esta comunicação se atentará não apenas às informações de um passado distante, mas à maneira com que as relações de poder firmadas naquele momento produziram efeitos até os nossos dias. Não negando que tais efeitos são de longuíssima duração, fugimos da hipótese de que há uma continuidade na história, mas buscamos perceber que a nossa leitura do passado é, antes de tudo, uma leitura do presente. Para isso, estudamos Constantino a partir de pesquisas que, em certa medida, têm explorado as variadas figuras desse imperador, segundo diferentes fontes históricas. Neste momento, portanto, é que dialogaremos com estudiosos como Paul Veyne e Hartwin Brandt. Devemos também mencionar os referenciais teóricos para a nossa pesquisa, dentre os quais encontram-se J. Derrida, M. Foucault e K. Jenkins, além de outros que transitam nos campos da História, da Arqueologia e da Filosofia.

Palavras chave: Constantino; historiografia; arqueologia; relevos; subjetividade.

Introdução

O presente artigo vem apresentar uma faceta do que tem sido nossa pesquisa de doutoramento em História Cultural no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), sob orientação do historiador e arqueólogo Dr. Pedro Paulo Abreu Funari. Nesse processo de investigação temos delimitado nossas fontes, distribuindo-as em dois grupos: a) Fontes Escritas e b) Fontes Materiais. Estas, por sua vez, dividem-se nos seguintes subgrupos:

Fontes Escritas: trechos da obra *História Eclesiástica*, de Eusébio (século IV)

trechos da obra *Vida de Constantino*, de Eusébio (século IV)

trechos da obra *Elogios a Constantino*, de Eusébio (século IV)

Fontes Materiais: estatuária que representa Constantino I (século IV)

¹Doutorando em História Cultural (UNICAMP), mestre em Ciências da Religião (PUC-SP), licenciado em História (UNIFAI) e bacharel em Teologia (MACKENZIE). E-mail: cafeacademico@yahoo.com.br



moedas cunhadas no governo de Constantino I (século IV)

relevos do Arco de Constantino (século IV)

Como para uma comunicação dessa natureza não é possível tratar de todas as documentações que estamos examinando, resolvemos recortá-las para apenas demonstrar em que sentido tem-se desenvolvido nossa investigação. Portanto, na presente apresentação optamos por tratar de trechos breves da obra *Vida de Constantino*, atribuída a Eusébio de Cesareia (cc. 265-339 d.C.), bispo cristão do século IV e de alguns relevos esculpidos no famoso Arco de Constantino, inaugurado em 315, sob ordem do Senado romano, com o intuito de homenagear o imperador pela vitória que conquistara sobre Maxêncio na conhecida Batalha da Ponte Mílvia.

Temos percebido nessas duas fontes de diferentes naturezas – uma escrita, outra esculpida; uma feita com a pena, outra com o cinzel – elementos que convergem e elementos que divergem. Não estamos pensando apenas naquilo que elas descrevem acerca do imperador romano Constantino tido tradicionalmente como o primeiro imperador cristão da história, mas também naquilo que parece evidenciar as intenções subjetivas de seus autores.

O autor da obra *Vida de Constantino*, tenha sido Eusébio ou não – este é outro problema com o qual temos nos deparado, ou seja, a autenticidade autoral do texto – e o artista desconhecido que esculpiu a cena da Batalha da Ponte Mílvia no Arco que tem resistido ao tempo, permanecendo triunfante em Roma, a poucos metros do Coliseu, foram responsáveis por participarem desse processo de construção da História. Nesse sentido, há que ser considerada a subjetividade dessas autorias. No fim das contas, o que queremos dizer é que o Constantino representado através da pena de Eusébio ou de quem quer que tenha escrito a *Vida de Constantino* e o Constantino representado através do cinzel desse artista anônimo que participou da produção dos relevos existentes até hoje no Arco, podem mostrar-nos em maior medida aspectos que correspondem aos sentimentos, às emoções e às motivações do escritor e do artista do que propriamente características reais, factuais, objetivamente verdadeiras acerca da personagem representada. Segundo Funari “A narrativa histórica, portanto, não pode deixar de possuir a subjetividade das emoções refletida na linguagem, na forma do discurso.” (FUNARI, 1992, 29). Subjetividade, nesse sentido, pode corresponder à existência das emoções e sentimentos do sujeito – ex: escritor, escultor, pintor... – em suas obras, em suas linguagens e em seus discursos, sejam escritos ou não.

Para fazer esse exercício podemos recorrer às mais variadas ferramentas. Numa leitura dessa natureza na produção escrita teríamos que considerar instrumentos como a análise de discurso, a crítica



literária, a desconstrução filosófica, a exegese do texto a partir de sua língua original – no caso da obra *Vida de Constantino* é o grego – análises filológica, morfológica e sintática. Já ao analisarmos fontes materiais como os relevos do Arco de Constantino, sem desrespeitarmos os parâmetros metodológicos de determinado modelo de análise arqueológica que escolhermos, estaremos livres para percebermos e interpretarmos que, por detrás daqueles detalhes, está um sujeito, está um artista, está um olhar de alguém que visava representar uma personagem da maneira como ele a via.

Outra ferramenta importante nesse processo de verificação da subjetividade de uma obra por meio de uma análise discursiva é a moderna Semiótica. Segundo Funari: “A semiótica, ao enfatizar esses aspectos subjetivos da análise de discurso, permite chegar aos objetivos dos textos e constitui um instrumento analítico muito útil para o estudo de qualquer documento, antigo ou moderno, escrito ou material.” (FUNARI, 2003, 23).

Esta ampla gama de ferramentas teóricas que temos transportado em nossa maleta para o desenvolvimento de nossa pesquisa sobre o imperador Constantino (cc. 274-337 d.C.), naturalmente não será necessária para a brevíssima leitura que faremos na presente comunicação. Aqui, com um objetivo bem mais modesto, apenas tomaremos conhecimento de um fragmento da obra *Vida de Constantino* que narra a Batalha da Ponte Milvia, comparando-o com um friso do Arco de Constantino que visa retratar o mesmo episódio.

1. A Batalha da Ponte Mílvia na obra *Vida de Constantino*

A *Vida de Constantino*, segundo a história dessa literatura panegírica, teria sido encomendada pelo próprio Constantino, mas fora concluída e publicada somente após sua morte. Dividida em quatro breves livros, trata no primeiro deles acerca da famosa Batalha da Ponte Mílvia, bem como dos detalhes que a antecederam e a sucederam, naqueles últimos dias do mês de outubro de 312.

Repetindo informações e até acrescentando outras antes não contadas em narrativa sobre o mesmo episódio, na obra *História Eclesiástica*, escrita e publicada por Eusébio alguns anos antes, a *Vida de Constantino* teria sido em grande medida ditada pelo próprio imperador ao seu biógrafo e bispo de confiança. Por outro lado, há quem afirme a possibilidade de Eusébio e Constantino terem-se encontrado no máximo duas ou três vezes. Levantam-se dúvidas acerca da autoria eusebiana para a *Vida de Constantino*, por exemplo, devido à riqueza de detalhes que há em sua narrativa sobre a Batalha da Ponte Mílvia, uma vez que ao narrar o mesmo episódio na *História Eclesiástica*, o autor tenha apenas se preocupado em fazer uma analogia da figura do imperador com a mítica personagem bíblica do Êxodo conhecida como Moisés. Segue abaixo o fragmento que selecionamos da obra *Vida de Constantino* para

lhermos e, na sequência, compararmos com o relevo esculpido no Arco de Constantino, representando a mesma saga:

Constantino estava agora muito perto de Roma. Então, para evitar ser forçado a lutar contra os romanos por causa do tirano, o próprio Deus arrastou Maxêncio para muito longe dos portões da cidade e tornou visível aos olhos de todos os que estavam assistindo esses eventos extraordinários, fossem fieis ou infiéis, os milagres que anteriormente tinham acontecido contra os infiéis, e que os contos plausíveis, mas apenas mais lendários não foram considerados, embora, para aqueles que têm fé, são relatados como verdade nos livros sagrados. Assim como no tempo de Moisés e do devoto povo judeu, foram afundados os carros do exército de Faraó no Mar Vermelho desde o primeiro dos seus cavaleiros, também Maxêncio e seus soldados foram afundados. (Vida de Constantino, I; 28,29).

Em um texto paralelo, também de Eusébio, escrito cerca de quinze a vinte anos antes em outro livro intitulado *História Eclesiástica*, o bispo panegirista de Constantino afirmou o seguinte:

O mesmo, pois, que nos tempos de Moisés e da antiga piedosa nação dos hebreus, *precipitou no mar os carros do faraó e seu exército, a flor de seus cavaleiros e capitães; o mar Vermelho os tragou, o mar os cobriu (Ex 15.4-5), assim também Maxêncio e os hoplitas e lanceiros de sua escolta se afundaram na profundidade como uma pedra (Ex 15.5)* quando, dando as costas ao exército que vinha da parte de Deus com Constantino, atravessava o rio que lhe cortava o caminho e que ele mesmo havia unido por meio de uma ponte com barcas, construindo assim uma máquina de destruição, contra si próprio. (*História Eclesiástica*, IX; 9.5)

A diferença, no entanto, entre os dois fragmentos atribuídos ao mesmo escritor em duas obras diferentes está no que antecede a essas narrativas. Enquanto há uma omissão na *Histórica Eclesiástica*, na *Vida de Constantino* o autor descreve uma experiência mística que o imperador terá vivido um dia antes da Batalha da Ponte Mílvia, na qual teria visto uma cruz luminosa no céu, acima do sol, com a seguinte inscrição: *In hoc signo vinces* (Por este sinal vencerás). Após testemunharem aquele fenômeno, Constantino e seus soldados caíram atônitos. Porém, ao recorrermos “às nossas fontes históricas, devemos estar preparados para dois fatores. O primeiro é que no mundo antigo é comum dizer que um ato ou um pensamento que se atribui à inspiração divina apareceu em um sonho” (KEE, 1990, 29). Nesse sentido, tanto Eusébio como seu contemporâneo Lactânio, também escritor, apresentaram o imperador Constantino como um novo cristão, a partir daquela experiência que este tivera ao lado de seu exército. O segundo fator seria este, de tal modo que, na noite seguinte, o imperador em sonho teria recebido uma mensagem do próprio Cristo, ordenando que aquele sinal que lhe aparecera em visão, deveria ser desenhado nas roupas e escudos de seus soldados. Uma confirmação acerca da mensagem que apareceu sobre a cruz também foi feita naquele sonho. Conforme relatos de escritores cristãos mais recentes,



Constantino passou a sustentar a convicção de que por ter vivido aquela experiência mística, iria tornar-se vencedor na luta por Roma contra o seu adversário Maxêncio. Contrapondo-se a essa hipótese que, além de teleológica, é própria de uma historiografia providencialista, Paul Veyne afirma:

Constantino decidia as coisas com lucidez. Não nos deixemos enganar pelos prodígios que, na sua época, eram comuns. É verdade, em 310, Constantino “viu” Apolo anunciar-lhe um longo reinado. É verdade, em 312 ele recebeu em um sonho a revelação do “sinal” cristão que lhe proporcionaria a vitória. É verdade, essa vitória foi milagrosa. Mas, nessa época, era normal para qualquer pessoa, entre os cristãos e entre os pagãos, receber a ordem de um deus em um sonho que era então uma verdadeira visão. Também não era raro que uma vitória fosse atribuída à intervenção de uma divindade. Reduzindo a seu conteúdo latente, o sonho de 312 não determinou a conversão de Constantino, mas prova, pelo contrário, que ele próprio acabara de decidir se converter ou, se já tivesse convertido havia alguns meses, a ostentar publicamente os sinais dessa conversão. [...] Para um homem como ele, qual o sentido de uma conversão se não for para fazer grandes coisas? (VEYNE, 2010, 96 e 97)

Parece que Veyne concorda com a veracidade da conversão de Constantino tradicionalmente situada nesse episódio da visão da cruz, um dia antes da vitória sobre Maxêncio. Contudo, não é o caso. Veyne apenas não está preocupado em negar ou afirmar a experiência pessoal do imperador. Para o historiador francês, a conversão é uma categoria de caráter teológico. Portanto, cabe aos teólogos defendê-la, não aos historiadores.

Isso, porém, não quer dizer que Veyne concorde com a interpretação do suíço Jacob Burckhardt que, no auge do espírito científico do século XIX, afirmava ter sido Constantino um político calculista e interessado em benefícios que essa conversão poderia trazer-lhe perante uma promissora sociedade romana convertida à religião dos cristãos. Vale ressaltar que estes, nas primeiras duas décadas do século IV, não representavam mais que 6% da população total do império. Portanto, o que um imperador poderia ver de vantajoso ao associar-se a um movimento que além de proibido e ilícito, era insignificante em termos numéricos?

Para Veyne, o imperador Constantino “não podia ignorar que adorar uma outra divindade em relação à maioria de seus súditos e à classe dirigente e governante não seria a melhor maneira de conquistar-lhes os corações.” (VEYNE, 2010, 83)

Portanto, a esse respeito, seguindo os passos de Veyne, entendemos que o historiador não deve preocupar-se em defender se Constantino efetivamente converteu-se ou não à religião dos cristãos, mas em identificar os efeitos dessa tradição que, por assim dizer, foi inventada por Eusébio em sua elaboração discursiva acerca do imperador. Burckhardt, é claro, defendia que Eusébio inventou todo aquele enredo, tanto da visão da cruz como do triunfo sobre Maxêncio na Ponte Mílvia. Mas,



entendemos que o bispo cristão, mais que inventar um cenário, um enredo e uma imagem heróica de um imperador convertido à verdadeira fé, como a caracterizava o próprio Eusébio, inventou por meio da sua escrita uma tradição político-religiosa que permanece forte e protegida pela ortodoxia cristã até os nossos dias. Não que haja uma continuidade da História, mas um processo de longuíssima duração, além de efeitos notáveis e ainda presentes nas estruturas de poder.

2. A Batalha da Ponte Mílvia no *Arco de Constantino*

Para tratar da mesma Batalha da Ponte Mílvia que derrubou Maxêncio do poder imperial e fez de Constantino o único soberano romano na porção ocidental do Império, não podemos reduzir nossas leituras às letras escritas pela pena de Eusébio. Em diálogo com a Arqueologia, podemos chegar a outras compreensões sobre o mesmo enredo a partir de uma observação daquilo que nos mostra a cultura material. É nesse sentido que devemos colocar no mesmo nível de importância documental as representações esculpidas no famoso Arco de Constantino, inaugurado possivelmente em 315, sob ordem do Senado romano com o intuito de homenagear o imperador por sua vitória sobre Maxêncio. Mas, a sua datação está fixada entre os anos 130 e 138 d.C.

As dimensões do Arco de Constantino são, fundamentalmente, as seguintes: 21m de altura; 25,7m de largura e 7,4m de profundidade. Como pode ser visto na Foto 1 feita a partir do Coliseu, no monumento há um arco central que mede 11,5m de altura e 6,5m de largura. Os dois arcos laterais medem 7,4m de altura e 3,4m de largura. Para a construção da parte inferior foram utilizados blocos de mármore e para a parte superior foram utilizados tijolos e um tampo de mármore.



Foto 1: Arco de Constantino (Jefferson Ramalho, julho de 2013)

Além do relevo que representa a vitória de Constantino na Batalha da Ponte Mílvia, que é o que interessa-nos nesta comunicação, há muitos outros detalhes esculpidos no Arco que podem ser conhecidos e explorados. Por exemplo, na parte superior do monumento há inscrições em latim (Foto 2), tanto do lado Sul como do lado Norte, com os seguintes dizeres:

IMP CAES FL CONSTANTINO MAXIMO P F AVGVSTO S P Q R QVOD INSTINCTV
DIVINITATIS MENTIS MAGNITVDINE CVM EXERCITV SVO TAM DE TYRANNO QVAM
DE OMNI EIVS FACTIONE VNO TEMPORE IVSTIS REM-PVBLICAM VLTVS EST ARMIS
ARCVM TRIVMPHIS INSIGNEM DICAVIT

Imperador César Flavio Constantino Máximo, piedoso e bendito Augusto. Porque ele, inspirado pela divindade e pela grandeza da sua mente, libertou o Estado do tirano e de todos os seus seguidores, ao mesmo tempo, com seu exército e apenas pela força das armas. O Senado e o Povo de Roma dedicam-lhe este arco, decorado com triunfos.



Foto 2: Detalhe em latim
 (<https://euclides59.wordpress.com/2014/05/25/foro-de-trajano-roma/>)

Quando o texto diz *INSTINCTV DIVINITATIS*, ou seja, “inspirado pela divindade”, não podemos precisar se o que aí se entende por divindade já corresponde à divindade dos cristãos, à qual Constantino acabara de aderir, ou, se corresponde ao deus *Sol Invictus*, ao qual ele esteve filiado antes de sua adesão à religião dos cristãos. Eis algo que poderia ser examinado com maior cuidado.

Além desses escritos em latim, podemos destacar que há quatro medalhões de Adriano na fachada Norte, quatro medalhões de Adriano na fachada Sul e dois medalhões de Constantino nas laterais, sendo um para cada lateral. Os medalhões de Adriano representam, por exemplo, sacrifícios a Hércules, Apolo, Silvano e Minerva, cenas de partida para uma caça, caça de javalis, caça de urso, um leão morto após a caça, e, os medalhões de Constantino representam a carruagem do Sol e a carruagem da Lua. Na Foto 3, apenas para exemplificar, aparecem os medalhões de Adriano que encontram-se no lado Sul do monumento, representando a cena de partida para uma caça e o sacrifício a Silvano, deus romano das florestas.



Foto 3: Medalhões de Adriano

(Jefferson Ramalho, julho de 2013)

No Arco de Constantino ainda há os famosos painéis de Marco Aurélio, situados na parte mais alta do monumento chamada sótão. São representações em baixo relevo que mostram cenas de quando o imperador estóico encontrava-se no poder. Também há no sótão, junto com os painéis de Marco Aurélio, oito estátuas da época de Trajano, sendo quatro no lado Sul e quatro no lado Norte, representando prisioneiros. Todas as demais cenas esculpidas no monumento têm por objetivo representar a época de Constantino.

De todas as representações que visam tratar do período constantiniano, interessa-nos explorar apenas os frisos que se encontram esculpidos abaixo dos medalhões e, de maneira mais particular, neste momento, o friso que representa o triunfo de Constantino sobre Maxêncio na Batalha da Ponte Mílvia (Foto 4).



Foto 4: friso representando a Batalha da Ponte Mílvia
(Jefferson Ramalho, julho de 2013)

Neste friso, situado na fachada Sul do Arco, está representado o momento no qual o exército de Constantino prevalecia sobre o exército de Maxêncio, afogando este e seus soldados no rio Tibre. O outro friso da fachada Sul representa o cerco a uma cidade fortificada, possivelmente Verona. Na fachada Norte há dois frisos, sendo que um representa Constantino discursando ao povo de Roma e ao Senado e o outro representa Constantino distribuindo presentes à população romana. Ainda há outros dois frisos externos, sendo um abaixo do medalhão da carruagem da Lua, representando a marcha do exército de Constantino, e outro abaixo do medalhão da carruagem do Sol, representando a entrada triunfal dos seus soldados, possivelmente em Roma.

O friso mostrado na Foto 4, embora possa ser considerado uma representação paralela às narrativas de Eusébio, não fornecem detalhes suficientes para que tenhamos certeza que seu escultor a tenha feito após ler o texto do bispo cristão. Outro fator que torna esta hipótese ainda mais problemática tem a ver com as possíveis datas desses documentos. O trecho da *História Eclesiástica* que trata da

Batalha da Ponte Mílvia foi escrito, possivelmente, entre 312 e 315 d.C., mesma datação atribuída ao friso. Já a *Vida de Constantino* não foi publicada antes de 337, ano da morte do imperador. E o episódio em si, segundo a historiografia tradicional, deu-se em outubro de 312. Portanto, concluímos, *a priori*, que a documentação material que estamos examinando é independente da documentação escrita por Eusébio.

Uma segunda conclusão a que chegamos tem a ver com o caráter específico das documentações. Enquanto os textos eusebianos, além de políticos, são nitidamente panegiristas, religiosos, de caráter cristão, portanto, apologéticos, o Arco de Constantino, mesmo com alguns relevos que fazem referência à religiosidade politeísta do povo romano, tem um objetivo que é, sobretudo, político. Foi uma maneira que o Senado encontrou para, de forma pública, não apenas homenagear o imperador por sua vitória, mas legitimar seu poder, uma vez que derrotando Maxêncio, ele não só assumia o poder da metrópole, mas dava mais um passo importantíssimo rumo ao seu intento maior: o restabelecimento da Monarquia.

A terceira conclusão que obtivemos tem mais um caráter problematizante do que resolutivo. Se o Arco de Constantino e os textos de Eusébio são fontes independentes, o que podemos constatar sem muitos esforços, qual leitura acerca do imperador é mais confiável? Exemplo claro desse distanciamento entre as fontes, apesar de serem contemporâneas, está na ausência do lábaro de Constantino no Arco que lhe foi dedicado. Se esse símbolo que traz as letras X e P de ΧΡΙΣΤΟΣ foi tão importante para ele, por qual razão o Senado o omitiria em um presente de tamanha ostentação?

Considerações finais

Sem a pretensão de desvendar quem registrou a verdade, preferimos seguir a corrente que entende que tanto o Senado como Eusébio, além de outras tantas fontes e matrizes documentais, trazem consigo suas particulares verdades e formas próprias de ver Constantino, motivadas por razões diversas. Assim, entendemos ser muito mais próximo do trabalho de um historiador dos nossos dias o exercício de problematização das variadas fontes e versões acerca de uma personagem do passado ou do presente do que o exercício de busca por uma resposta objetiva, no sentido de desvendar qual documentação é mais confiável e quem, efetivamente, está falando a verdade.

Portanto, não estamos em busca do verdadeiro Constantino da história. Nossa busca é outra. Queremos entender os processos e os efeitos que correspondem às mais diferentes maneiras de tratar a respeito de um mesmo imperador romano. O que podemos adiantar é que, se por um lado, houve um só Constantino na história, por outro lado, há uma considerável pluralidade no processo de representação de sua imagem.

Referências bibliográficas

- BERENSON, Bernard. *L'arcodi Constantino o delladecadenzadella forma*. Milano: Abscondita, 2007.
- BRANDT, Hartwin. *Constantino*. Barcelona: Herder, 2007.
- BURCKHARDT, Jacob. *L'etàdiCostantinoil Grande*. Roma: Sansoni Firenze, 1957.
- EUSEBIO DE CESAREA. *Historia eclesiástica*; [version, introduccion y notas: Argimiro Velasco-Delgado, O.P.]. – Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2001.
- _____. *Elogio diCostantino* – discorso per iltrentennale e discorso regale; [Introduzione, traduzione e note di Marilena Amerise]. Milano: Paoline, 2005.
- _____. *Vita diCostantino*; [Introduzione, traduzione e note di Laura Franco / testo greco a fronte]. Milano: BUR Rizzoli, 2009.
- FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Doxa e Episteme: a construção discursiva na narrativa histórica (ou Salústio e a Historiografia), LPH; *Revista de História*, 3,1, 1992.
- _____. *Antiguidade Clássica: a História e a cultura a partir dos documentos*. 2ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.
- KEE, Alistair. *Constantino contra Cristo: El origen de La alianza entre La Iglesia y El poder político*. Barcelona: Martínez Roca, 1990.
- RAMALHO, Jefferson. *Eusébio e Constantino: o início de uma igreja imperialista*. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*. 4ed. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília, 2008.
- _____. *Quando nosso mundo se tornou cristão: 312-394*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
-

